

Fomos nós mesmos que resistimos em Varsóvia

Todos os anos, em Pessach, ouvimos de nossos pais, ou contamos a nossos filhos, que devemos sentir como se nós mesmos tivéssemos saído do Egito. Colocar a si mesmo no lugar do povo que saiu do Egito há milhares de anos é um elemento essencial desse Chag, e esse sentimento intertemporal de pertencimento a um coletivo permeia toda a tradição e a História Judaica. Eu mesmo saí do Egito, eu mesmo atravessei o mar, eu mesmo vivi o exílio na Babilônia, eu mesmo lutei contra os romanos em Metzadá, eu mesmo saí de Canaan após a destruição do 2º Templo. Ao dizer e, mais ainda, ao internalizar estas palavras, nos colocamos como agentes da nossa própria história, desde os primórdios até hoje. Criamos um vínculo que atravessa todas as épocas e lugares e que dá sentido ao que existe hoje no tão plural mundo judaico. Esse vínculo se baseia principalmente na hipótese de que, se de fato estivéssemos estado em determinados lugares, em determinadas épocas, nosso destino seria o mesmo dos nossos iguais. Se eu morasse na Espanha no fim do século XV, provavelmente teria sido de lá expulso, assim como todos os judeus. Se morasse na Rússia do século XIX, certamente viveria em um shtetl e é provável que tivesse vivenciado algum pogrom. Em resumo, o Judaísmo considera importante criar uma identificação entre as diferentes gerações.

É possível traçar um paralelo deste fenômeno para a Tnuá. No Dror, nós valorizamos a identificação com chaverim de outras épocas? Será que devemos valorizá-la? Há poucos anos atrás, constatou-se que nós, chaverim, sabíamos pouco sobre a história da Tnuá e frequentemente chegávamos ao Shnat com pouca base sobre esse assunto. Como consequência, criou-se a machané Shorashim, sobre as raízes do Habonim Dror. Para além disso, não há um módulo específico sobre História da Tnuá em nenhum momento do nosso processo educacional, mesmo com um Projeto Hagshem que se propõe a ver e rever certos temas ao longo do tempo, em espiral. Lemos muito pouco, de forma geral, sobre o que chaverim de outras gerações pensavam, exceção para os livros Pássaros da Liberdade e o Fragmentos de Memórias, ambos tratando do Dror na mesma época, os anos 50. Com frequência deixamos que aquilo que é produzido na e pela Tnuá se perca, desde itonim antigos até atas de discussões, passando por textos, tochniot, fotos, estatutos, e por aí vai. Há pouco esforço, de forma ampla e eficiente, para preservar esse tipo de coisa.

Por outro lado, em certos momentos específicos, é comum invocarmos a memória de ex-chaverim. Sempre que se fala de Shoá na Tnuá, se fala dos membros do Dror e de outras tnuot que resistiram aos nazistas. Quando o assunto é o envolvimento da Tnuá com a sociedade local, não raro citamos a o engajamento dos chaverim das décadas de 60 e 70 contra a ditadura no Brasil, ou contra o Apartheid na África do Sul. Nos orgulhamos ao falar de membros proeminentes da Tnuá, de Paul Singer até Stanley Fischer (ex-presidente do Banco Central israelense), de Zivia Lubetkin até Sasha Baron Cohen. Apesar de termos poucas tochniot específicas sobre o assunto, não raro fala-se sobre elementos históricos do Habonim Dror em peulot e discussões, mesmo a tochnit sendo outra.

Um momento muito marcante da minha vida tnuati foi durante a viagem do Machon à Polônia, no memorial do levante do gueto de Bedzin (liderado por Frumka Plotnicka, ex-chavera do Dror), quando a Dalia, nossa guia, disse que das dezenas de iniciativas de resistência contra em guetos e campos de concentração, era possível contar nos dedos as que não tiveram nenhuma participação de chavrei Tnuá na liderança. Naquele momento, percebi que, se eu tivesse

estado ali, naquele momento histórico, este teria sido o meu destino, meu e de todos os chaverim que estavam ali comigo. Nós não teríamos desistido, manteríamos a cabeça erguida, seguiríamos educando sempre e, quando necessário, pegaríamos em armas para lutar. Como membros do Dror, que acreditam e amam o que fazem, este teria sido o provável desenrolar das nossas histórias. Naquele momento percebi uma responsabilidade que temos para com os antigos chaverim, com todos os que já passaram pela Tnuá. Somos responsáveis por manter uma continuidade sobre o que eles fizeram. Afinal, somos parte de uma mesma identidade, que é a identidade Habonim Dror. Eu quero olhar para a Tnuá daqui a 20 anos e me orgulhar do que estiver sendo feito pelos futuros chaverim.

Essa continuidade é, obviamente, subjetiva e ampla. Não tem como haver uma definição concreta, principalmente porque uma certa dose de mudança faz parte dessa continuidade, afinal somos jovens e somos um movimento, é natural que mudanças e adaptações sejam condições da nossa existência. No seminário da Lapa, decidiram que todos largariam os estudos para ir a Israel. Algo assim seria feito pelos chaverim de hoje? Certamente não. Mas pode ser interessante fazer a pergunta de outra forma: estivessem os chaverim de hoje presentes no seminário da Lapa, com suas cabeças de hoje, sujeitos ao contexto da época, teriam tomado as mesmas decisões? Talvez, mas aí já cabe a discussão. Eu tendo a achar que sim, e não só isso, tendo a achar que aqueles que estiveram neste marco tnuati, se olharem o que é a Tnuá hoje, vão gostar do que vêem. Vão gostar da maneira que lidamos e construímos nosso Judaísmo, vão gostar da nossa não submissão ao conservadorismo da comunidade, da qualidade do nosso processo educacional. Podem ter ressalvas, e tudo bem, até nós temos ressalvas para nós mesmos, mas o sentimento geral seria de orgulho e, não só isso, de continuidade.

Há uma outra escolha, também, que é a não valorização deste senso de pertencimento inter-geracional. Podemos simplesmente estudar a história da Tnuá – conhecer nossas raízes é essencial, independente de como queremos lidar com elas – e escolher seguir nosso próprio caminho. Afinal, somos transgressores, queremos passar por uma revolução (se não na sociedade, ao menos uma revolução interna) e estamos em constante mudança. Talvez devamos aplicar essa transgressão também ao que nossos antecessores fizeram, dizendo algo como “você fizeram suas escolhas, as quais nós respeitamos, e agora nós fazemos as nossas próprias, e vocês não tem nenhuma relevância nessas escolhas”. Todos conhecemos a imagem daquele ex-boguer ou ex-bogueret que hoje olha para nós cheio de críticas e lamentando como a Tnuá mudou, como os jovens se tornaram radicais, se afastaram do Sionismo ou algo que o valha. Para esse nem precisamos supor, vemos na prática que a tal sensação de continuidade não se faz presente. De quem é a culpa? Nós devemos sentir, assim como nos levantamos contra os nazistas em Varsóvia, assim como nós mesmos fundamos kibutzim, que somos este ex-boguer também? Ele, apesar de discordar do que estamos fazendo, não é parte dessa mesma identidade? Afinal, em seus tempos de movimento juvenil, ele era um transgressor nadando contra a corrente, como gostamos de nos sentir hoje. E a influência da Tnuá permitiu, podendo ter sido mais ou menos responsável, que ele se tornasse um defensor do status quo conservador.

Minha resposta para isso é que essa questão da continuidade é uma via de mão dupla. Eu antes disse que quero sentir orgulho do Habonim Dror do futuro, seja lá o que estiver sendo feito. Com isso, estou incumbindo os chaverim do futuro com uma responsabilidade, a mesma

que sinto sobre mim hoje, de preservar as ideias das gerações anteriores de chaverim. Mas também estou assumindo uma responsabilidade, que é a de querer me orgulhar do que é feito, de apoiar a Tnuá no futuro, de não ser preciosista como se a minha época fosse a melhor. Depois da nossa época de Tnuá, nós continuamos com a responsabilidade de seguir caminhos coerentes com o que nós acreditamos e o que a Tnuá acredita.

Se hoje chaverim do passado olham para nós cheios de críticas e discordâncias, devemos ouvi-los. Ouvir não significa acatar, mas sim assumir que a Tnuá também é parte do que eles são, como continuará sendo para nós. E para definir qual a melhor forma de sermos autênticos, de fazer o que achamos certo e, ao mesmo tempo, preservar a memória e o orgulho de uma Tnuá que conta com mais de 100 anos de história, a melhor solução é muito simples: estudar e correr atrás. Conversar com ex-chaverim, ler o que escreviam, estudar a história da Tnuá, entender as mudanças pelas quais passamos e seus motivos. Afinal, ser um movimento não significa abdicar de raízes.

Felipe K.G. - Snif Rio, outubro de 2017